

*Trópicos da doença e da civilização: saúde e pestilência  
nas revistas do IHGB\**

LUIS FERNANDO TOSTA BARBATO\*\*

Instituto Federal do Triângulo Mineiro

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo trabalhar as relações entre o clima tropical e a salubridade dentro das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no século XIX. Através desse estudo, poderemos observar que as visões acerca da salubridade nos trópicos fugia ao binômio positivo-negativo, estando fundamentadas em noções que fugiam de idealizações, mas sim vislumbravam os trópicos como um ambiente real, nem bom, nem ruim, e sujeito às ações da ciência.

**Palavras-chave:** Clima; Salubridade; IHGB.

**Abstract:** The present article aims at working upon the relationship between wholesomeness and the tropical climate as treated in the Brazilian Historic and Geographic Institute (IHGB) journals in the 19<sup>th</sup> century. By means of this study, we will be able to observe that the views about wholesomeness in the tropics escaped from the positive-negative binomial, being substantiated in perceptions that eschewed idealization, but which envisioned the tropics as a real environment – neither good nor bad and subjected to the actions of science.

**Keywords:** Climate; Wholesomeness; IHGB.

---

\* Recebido em 13 de fevereiro de 2015 e aprovado para publicação em 20 de março de 2015.

\*\* Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Estadual de Campinas (2007), Mestre em História Política e do Patrimônio, pela Universidade Estadual de Campinas (2011) e Doutor em História Cultural, também pela Universidade Estadual de Campinas (2015). É especialista em História do Brasil Imperial e História Cultural. Seus principais objetos de interesse são a história do clima, história e natureza, história e raça, história das ciências no Brasil e identidade nacional brasileira. É docente do Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

A natureza tropical ganhou um lugar especial na historiografia dedicada aos estudos do Brasil no século XIX, afinal, foi colocada como um dos pilares sobre os quais se firmaram a identidade nacional brasileira, afinal, servia como elemento que atendia os ideais de promover a distinção, tão cara em um processo de construção das identidades nacionais, e o orgulho aos brasileiros, pois suas belas paisagens e sua riqueza enchiam os olhos daqueles que aqui aportavam (SÜSSEKIND, 1990; VENTURA, 1991; NAXARA, 2001; BARBATO, 2011).

E essas imagens alentadoras, de fato, foram propagadas no decorrer de toda a história brasileira, e os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – o IHGB – não deixaram de explorar essas representações em sua missão de construir uma identidade nacional para o Brasil no século XIX, país que, na época de sua fundação, em 1838, se via em meio a uma intensa crise política, passando inclusive por perigos de fragmentação territorial, e que viu nos intelectuais do grêmio carioca aliados na construção de uma identidade nacional brasileira, como forma de combater essa crise que trazia temores ao Governo Imperial brasileiro (GUIMARÃES, 1988, 6-10). As imagens abaixo, nos são claras em dizer que as belezas do Brasil tropical ganharam espaço dentro das revistas do IHGB:

Senhores! Si o nome do Brazil, como diz Freycinet recorda tudo quanto a natureza tem de mais belo e fecundo; si, como diz Southey, os Brasileiros receberam por herança uma das mais bellas porções da terra; si, como diz Beauchamp, é impossível fallar d'este abençoado solo sem nos lembramos que o ouro e o diamante sahem do seu seio, ao mesmo tempo que todas as culturas n'elle prosperam; muito nos devemos ufanar de termos nascidos em um tal paiz! Mil graças pois rendamos ao Creador por tão grande beneficio (MAIA, 1846, p. 116).

Ou ainda:

Cabral arrebatou-se á vista d'esta terra encantada que lhe pareceu surgia do sepulchro do sol [...]; com suas encostas cobertas de espessos bosques, com suas aguas despenhadas em assombrosas catadupas, que se destacaram, recuando em vales dilatados e sombrios, em verdes e risonhas planices, em que serpejam ribeiros, bordados por praias, por alvas franjas, que se encurvam e onde se perdem as ondas em doce murmúrio, gozou da brisa da terra, que lhe trouxe os perfumes de suas flores, e ouviu o hymno harmonioso da natureza virgem e luxuriante do novo mundo (SILVA, 1888, p. 127).

No entanto, por mais que os estudos apontem para uma imagem pretensamente positiva dos trópicos brasileiros no século XIX, e ela de fato teve muita força nesse contexto, essas imagens não eram únicas. Mesmo dentro do IHGB, no qual seus membros apontavam principalmente no sentido de ressaltar suas qualidades, tendo como foco uma identidade nacional para o Brasil, a natureza tropical brasileira também recebe contornos mais sombrios, sendo comuns também imagens que apontam no sentido contrário àquele da exaltação tropical, sendo a questão da salubridade um dos pontos de maior interesse, nessa quebra de um paradigma idílico dos trópicos brasileiros.

Apesar de haver também dentro do IHGB noções que pregavam os trópicos salubres, essas visões dividiam o espaço com outras menos alentadoras, construindo-se assim trópicos mais reais e menos idealizados, tanto no sentido positivo, quanto no sentido negativo.

Lugar de pestilência, de febres, de perigos, de morte, de dor, de doença, esses também eram os trópicos. Que essas quentes regiões nunca foram uma unanimidade já é sabido, afinal, as serpentes, as feras, os mosquitos, os nativos e seus hábitos, o calor escaldante, as secas, as tormentas, entre outras tantas visões nada paradisíacas trouxeram o horror aos olhos daqueles que primeiro aqui aportaram. No entanto, vale ressaltar, essas visões negativas dos trópicos não eram dominantes, pelo menos nos primeiros séculos de encontro entre europeus e americanos, mas sim

representavam apenas reverses em meio ao paraíso. Os trópicos tinham seus pontos negativos, mas eram um lugar de vida longa.<sup>1</sup>

Isso começou a mudar principalmente a partir do século XVIII, quando a doença e a insalubridade passaram a ser lugares comuns nos relatos daqueles que escreviam sobre essa região do globo (ARNOLD, 2000, p. 137-138). Nas histórias referentes aos trópicos, incluindo as ficções,<sup>2</sup> representações da morte passaram a ser frequentes, e se o europeu sucumbia e sofria nessas regiões, se ele parecia inadaptável a ela, eram as doenças as principais responsáveis.

Assim, a questão da saúde nos trópicos passou a ser um ponto importante nos debates acerca das baixas latitudes, principalmente no que toca à inserção da civilização nessas regiões. Há séculos na Europa já havia a noção de que o homem europeu se degenerava próximo ao Equador,<sup>3</sup> no entanto, foi no século XVIII que essas teorias ganharam força e pintaram os trópicos como regiões deletérias, impróprias à civilização.

Nesse sentido, David Arnold nos traz o exemplo da guinada presente na literatura acerca das Antilhas, produzida pelos viajantes. Nas primeiras obras de história natural, que tratavam das enfermidades sobre as ilhas, como é o caso das obras de Thomas Trapham, de 1679, e de Hans Sloane, de cerca de 30 anos depois, o Caribe era apresentado como uma região salubre, na qual nada de ameaçador se observa em relação à saúde humana. No entanto,

---

<sup>1</sup> Para conferir essas visões negativas sobre os trópicos, consultar os trabalhos de Leyla Perrone-Moisés (PERRONE-MOISÉS, 1999), e de Lília Schwarcz (SCHWARCZ, 2008), nos quais, ao trabalharem os relatos de viagem produzidos pelos viajantes franceses que visitaram o Brasil colonial, mostram que, apesar das visões predominantemente positivas sobre a natureza tropical brasileira, também havia críticas, principalmente no que tocava às gentes nativas do Brasil e seus hábitos.

<sup>2</sup> Podemos citar aqui como exemplo *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, ou *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, no qual ambos trazem a África como um lugar de perigos, onde os homens podem facilmente sucumbir frente à uma floresta tropical que guarda inúmeros perigos (ARNOLD, 2000, p. 138).

<sup>3</sup> Vale mais uma vez aqui reiterar que, apesar de as teorias que traziam os trópicos como um lugar de malefícios terem ganhado força nos setecentos, elas já estavam presentes na Europa desde a Antiguidade, estando presente já nas obras de Heródoto e Hipócrates, por exemplo (SANT'ANNA NETO, 1999, p. 49-50).

em 1759, quando William Hillary escreveu sua obra de medicina *Observations in Barbadoes*, Arnold já notou um contraste delineado entre os climas temperado e tropical, no que toca à suas enfermidades (ARNOLD, 2000, p. 138).

A partir de então, uma série de tratados médicos surgiram acerca da relação entre clima e doença nessa parte do mundo,<sup>4</sup> aparecendo o termo “tropical” para demonstrar uma alternativa negativa ao clima temperado, considerado como salubre. Desta maneira, segundo David Arnold, a relação dos trópicos com as enfermidades serviu como mais um elemento para marcar a diferença entre a Europa e as regiões tropicais, o próprio surgimento da “medicina tropical”, em finais do século XIX, que tinha como objeto de estudo as “doenças tropicais” é exemplo disso, afinal, em termos epidemiológicos, era difícil justificar estudos focados nas “doenças tropicais”, uma vez que poucas enfermidades eram realmente peculiares da zona tropical. Assim, podemos entender que a ciência médica do século XIX apoiava a ideia da diferença tropical (ARNOLD, 2000, p. 140).

Leis que relacionavam o ambiente com as enfermidades começaram a surgir a partir de observações, e assim constatações a esse respeito foram traçadas, como por exemplo, a ausência da raiva nas localidades de clima tórrido, ou ainda o fato de que nas localidades onde o calor convive com regiões pantanosas, a incidência de cólera é maior (CAPONI, 2007, p. 29).

E segundo tais observações, guardavam os trópicos duas das características climáticas mais nocivas para a saúde humana, o calor e a umidade, que combinados, tornavam a zona tórrida um lugar de doença. O médico francês Pierre-Jean-George Canabis, por exemplo, em inícios do século XVIII proferia que temperaturas extremas produziam efeitos negativos aos corpos e a saúde dos indivíduos, sendo responsáveis por alterações indesejáveis tanto físicas quanto morais. Fatores esses que

---

<sup>4</sup> Podemos citar aqui como exemplos: *Observations on the Diseases of the Army in Jamaica*, de John Hunter, publicado em 1788, e *Treatise on Tropical Diseases and on the climate of the West Indies*, de Benjamin Moseley, de 1787 (ARNOLD, 2000, p. 138-139).

poderiam ser revertidos quando o calor estivesse associado ao ar seco, mas irreversíveis quando associados à umidade (CAPONI, 2007, p. 964).

Outros ainda escreveram sobre essas características tão marcantes, tão fundamentais aos trópicos, que eram o calor e a umidade. Ribeiro Sanches, por exemplo, importante referência acerca dos estudos da medicina e higiene em Portugal e em seus domínios ultramarinos, descrevia as regiões sujeitas às inundações como lugares privilegiados para as “febres podres”, as disenterias, entre outras doenças causadas supostamente pela decomposição dos corpos vegetais e animais. Situação essa que tendia a piorar com o clima quente, como era o caso da América Portuguesa, da Índia e da África (SANCHES *apud* ABREU, 2007, p. 771-772).

Logo essas noções chegaram ao Brasil, o francês Joseph François Sigaud, por exemplo, um dos mais destacados estudiosos as enfermidades no Brasil oitocentista, via na umidade o mais importante dos fatores da patologia tropical, uma vez que influenciava tanto diretamente no homem, ou seja, nos mecanismos de respiração e excreção, ou indiretamente, através da decomposição da matéria orgânica, transformando-se assim no principal agente das febres intermitentes (EDLER, 2007, p. 367).

Assim, os trópicos foram revestidos, em geral, com uma aura negativa na Europa, e mesmo em outras partes, pois, além de produzirem mazelas morais em seus viventes, produzia também danos físicos, o que dificultava o assentamento de culturas europeias e supostamente civilizadas em suas terras.

Vale lembrar ainda que para esse fenômeno que trouxe o trópico como local de doença nos séculos XVIII e XIX contribuiu para o retorno das teorias hipocráticas, no qual as relações entre o homem e o ambiente são determinantes para a sua saúde e suas doenças (ARNOLD, 2000, p. 139). Nesse sentido, Sandra Caponi assinala que há uma ideia “mais ou menos aceita” da existência de uma continuidade entre os textos de Hipócrates e a associação entre o clima e a doença, no qual se apoia a geografia médica desse período que compreende finais dos setecentos e os oitocentos. No entanto, Caponi nos alerta que devemos nos lembrar que em fins do XVIII e início do XIX, o conceito de meio era referido a entidades completamente

distintas em interação com os processos fisiológicos radicalmente estranhos à fisiologia humoral (CAPONI, 2007, p. 17-18).

A partir de finais do século XVIII, o meio-ambiente passaria a ser entendido fundamentalmente como um conjunto de fatores físicos mensuráveis e interconectados. Ainda que muitas das ideias hipocráticas permaneçam, como a preocupação com a temperatura, o regime dos ventos, a altitude, a astronomia, os pântanos, os diferentes tipos de raças e a influência que o meio exerce sobre a enfermidade e o espírito daqueles que nele vivem. Portanto, novas variáveis estavam em jogo nos estudos da biologia e da medicina desse período em relação aos estudos de Hipócrates, como a pressão atmosférica, o movimento, o calor, os elementos químicos, entre tantos outros (CAPONI, 2007, p. 17-18).

Esse turbilhão de informações vindas da Europa não poderia ser descartado, afinal, vinha da Europa, *nosso* continente modelo nesses idos do século XIX. No entanto, nossos homens de letras e ciências do IHGB escreviam e publicavam engajados em um projeto de criar uma identidade nacional para o Brasil, e como vimos, os trópicos deveriam surgir como algo positivo, digno de orgulho.

Assim, havia a necessidade de se trazer trópicos do bem, em meio a notícias pavorosas que vieram com ele, e nesse sentido, percebemos que as visões negativas dos trópicos, com seus miasmas, suas carneiradas, febres terçãs e pestilências estavam presentes nos relatos, e a combinação calor e umidade também pesava sobre aqueles que percorriam nosso país nos oitocentos, estrangeiros ou não.

Vale ressaltar que no campo das ciências médicas, também se travou uma batalha pela nacionalidade, na qual a defesa dos trópicos foi questão importante. Nesse sentido, Flavio Coelho Edler nos traz o exemplo da chamada Escola Tropicalista Baiana, um grupo que, contrariando as ideias da medicina tropical forjadas na Europa, construíram uma definição de medicina tropical baseada na crença otimista sobre a questão da condição tropical brasileira, no qual o Brasil se apresentava como um lugar propício à civilização, apesar de seu clima considerado não adequado, e de sua gente miscigenada (EDLER, 2007, p. 358-361).

Edler traz a Escola Tropicalista Baiana como um exemplo da recusa do estereótipo dos trópicos como uma região deletéria para o europeu, informação essa bastante disseminada, principalmente a partir do século XVIII, como podemos observar. Nesse sentido, segundo Flavio Edler e M.G.R.F Fonseca, através de novas abordagens nas quais um novo modelo científico era empregado por esses médicos brasileiros, tirava-se o foco do meio ambiente como causa de doenças individuais e específica (EDLER, 2007, p. 358-361; FONSECA, 1996, p. 11).

Assim, ainda segundo Edler, médicos brasileiros do período, como os da Escola Tropicalista Baiana, da Academia Imperial de Medicina, entre outros, quebraram velhos estigmas que se amparavam em determinismos raciais e climáticos, e, a despeito da crença de que no Brasil oitocentista nossos médicos eram apenas reprodutores do conhecimento europeu, esses estudiosos da saúde produziram uma avaliação positiva dos trópicos brasileiros, nos quais algumas das patologias mais temidas como a febre amarela e a cólera não eram simples e diretamente relacionadas às condições ambientais. Assim, quebravam-se antigos paradigmas de origem europeia que associavam os trópicos a certas enfermidades (EDLER, 2007, p. 357-368).

Desta maneira, os estudiosos da medicina no Brasil do século XIX lançaram uma avaliação na qual constatava que, apesar de haver problemas, o país apresentava uma boa condição sanitária, como podemos observar na obra de Sigaud, um dos mais amplos estudos produzidos sobre o Brasil no período, que mesmo crente que certos processos nocivos à saúde eram potencializados pelas condições do clima tropical, como vimos, também se posicionava a favor de um Brasil majoritariamente salubre. E as avaliações positivas, que traziam o Brasil tropical como um lugar de saúde e vida longa abundaram nas revistas do IHGB, o que mostra que as proposições dos médicos brasileiros, que combatiam as premissas difamatórias europeias ganharam espaço no século XIX.

Imagens de trópicos salubres apareciam nas publicações da revista, e mesmo naquelas regiões mais quentes e úmidas, as mais “deletérias”, segundo os europeus da época, ainda que percalços existissem, era possível se desfrutar de trópicos saudáveis:



O clima por causa de ser a terra baixa, e privada dos ventos marítimos do Leste que embatem na grande serra, ou já vão mais tepidos, por terem corrido larga extensão de terras é demasiadamente quente de agosto por diante, porém sadio tirando das carneiradas das vasantes, e n'este paiz [Minas Gerais] observam-se com frequencia homens de extraordinaria idade e ageis. É também bastante humido, e por essa razão fertilissimo em monstros principalmente de cobras de extraordinária grandeza (ANÓNIMO, 1862, p. 431).

Ou ainda:

Um facto que me parece singular é a salubridade d'esta região [atual Corumbá]. As carneiradas, que tanto estrago fazem, n'esta mesma provincia, nas paludosas margens do Guaporé, e dos outros tributarios do Amazonas, são desconhecidas nas do Paraguay e seus affluentes. Rarissimas vezes são os navegantes e os habitantes das povoações accometidos por sezões, e outras enfermidades proprias de paizes, como este, baixos, humidos, e onde se opera continua decomposição de animaes e vegetaes (LEVERGER, 1862, p. 219).

A imagem de um Brasil tropical, quente, úmido e sadio estava presente nas revistas do grêmio carioca, o que mostra que as proposições daqueles médicos oitocentistas, que combateram as visões estrangeiras e negativas sobre a zona tórrida, ganhavam espaço entre aqueles que buscavam construir uma nação brasileira, ainda que pautada por noções importadas da Europa. De norte a sul abundavam relatos que traziam um Brasil salubre. As quentes terras do Maranhão,<sup>5</sup> de Pernambuco,<sup>6</sup> do Ceará,<sup>7</sup> do Espírito Santo,<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Como podemos observar nos seguintes relatos: “Os seus ares [terras atravessadas pelo rio Manoel Alves Grande, no Maranhão] são saudáveis. Suas águas saborosas, abundam de peixe e recebem do nordeste as águas do rio Sereno, muito pouco importante” (RIBEIRO, 1874, p. 32).

<sup>6</sup> “Em todas as terras sujeitas ao domínio de Portugal se reputa pela mais excellente Pernambuco. [...]. Compreende dilatados sertões, em que se recolhe numerosos povo de

do Mato Grosso,<sup>9</sup> do Amazonas<sup>10</sup>... As já mais temperadas de São Paulo,<sup>11</sup> de Minas Gerais,<sup>12</sup> do Paraná<sup>13</sup> e do Rio Grande do Sul.<sup>14</sup> Enfim, em todo Brasil, era possível viver sob um regime climático propício à saúde, o que contrariava as nefastas previsões europeias.

No entanto, nesse embate entre trópicos positivos e negativos, entre o paraíso e o inferno, entre a barbárie e a civilização, nenhuma concepção estava só, se existiam aqueles que relatavam a salubridade dos trópicos e contrariavam as versões europeias sobre uma civilização em terras quentes, havia também aqueles que concordavam com elas, e desenhavam os trópicos como um lugar de doença e de morte, bem aos moldes das teorias importadas do Velho Continente.

---

gente, numeravel criação de gado, que os fazem parecer um novo mundo. O clima é o mais salutar” (NETTO, 1894, p. 5).

<sup>7</sup> “Tem poucos rios navegáveis, mas infinitas ribeiras, immensas serras de prodigiosa produção de todos os generos, especialmente de algodões, excellentes aguas, saborosos fructos; e os seus ares talvez sejam os melhores d’este continente, como se comprova do grande numero de pessoas que tem de avançada idade” (MENEZES, 1871, p. 259).

<sup>8</sup> “Seus ares são benignos, o terreno fértil produz todos os gêneros próprios do Reino da Europa” (RUBIM, 1860, p. 162).

<sup>9</sup> “Foi esta povoação [atual Corumbá] fundada a 50 annos pelo capitão general Luiz de Albuquerque. A sua posição é tão vatajosa como aprazível; o clima é sadio; o solo fértil, tem bons matos e proporções para a criação de gado” (LEVERGER, 1862, p. 219).

<sup>10</sup> “O Amazonas. [...]. Sadio pela água que se bebe e o ar que se respira. [...]. O clima é sadio pois vê-se entre os Mura e outros gentios muita propagação” (SOUZA, 1870, p. 416-427).

<sup>11</sup> “Mas como se poderá comprehender, dirá alguem, que um paiz dotado de grande fertilidade, d’um clima tão ameno e saudavel, cujos habitantes e naturaes são fortes e vigorosos, e amigos do trabalho, não tenha podido fazer algum progresso memoravel na carreira da fortuna, que lhe promettia a agricultura?” (OLIVEIRA, 168, p. 54).

<sup>12</sup> “O clima é temperado e sadio. Em algumas partes d’esta comarca [ S. João d’El Rei], a mais prolífica e povoada, se dá muito bem o trigo”. Cf. Sem autor. “Descobrimto de Minas-Geraes”. Op. Cit. p. 25.

<sup>13</sup> “A cidade de Castro [na então província do Paraná] [...] faz digna de honrosa menção pela salubridade de seu clima, onde se desconhecem moléstias endêmicas e epidêmicas, pela ferilidade de seu solo; pela riqueza de suas matas, e por suas famosas criações de gado” (PITANGA, 1863, p. 560).

<sup>14</sup> “A compleição de cada um [dos alunos da escola alemã visitada na passagem de Homem de Mello pelo Rio Grande do Sul] revela a benignidade d’este clima, e o bom tratamento havido em sua criação e educação” (MELLO, 1872, p. 147).

Nesse sentido, assim como os relatos da salubridade tropical abundavam nas publicações do IHGB, aqueles que mostravam seu oposto, ou seja, trópicos doentios e pestilentos, perigosos àqueles que tentavam nele se instalar, e avessos à civilização também tinham seus espaços. Na mesma medida que os trópicos se mostravam como lugares da saúde e vida longa, também se mostravam como lugares de doença e morte.

Se, como dissemos, para os europeus estudiosos da geografia médica do XIX havia uma noção que dentre os fatores ambientais mais prejudiciais à saúde estavam as altas temperaturas e a alta umidade, características essas determinantes dos trópicos, nossos autores do período, vorazes consumidores da literatura - o que incluía a médica - europeia, não deixaram de demonstrar seus medos e suas apreensões sobre as mais diversas regiões do Brasil, um país no qual predominava esse indesejável quadro. Sendo assim, se a imagem de trópicos sadios se propagava, a de trópicos doentios também se propagavam.

A linha que separava esses dois mundos distintos, ambos tropicais, era muito tênue, como podemos observar no Maranhão, descrito abaixo, no qual bastava chegarem as chuvas, para ver seus ares passarem de medicinais a pestilentos:

São turvas e lodosas as suas aguas [Rio Itapucurú, no Maranhão], tão quentes no verão durante a noite que amanhecem fumegando: utilizam então muito os seus banhos, porque são medicinaes; porém logo que lhe succedem as chuvas, ou que no fim d'estas principiam suas barreiras a descobrir-se tornam-se ellas perniciosas, e até perigosos os seus ares para respirar. Assim o mostrou, além de outras vezes, a experiencia, em o anno de 1805, a cuja invernada, que innundou léguas de centro, se seguiu a epidemia maior que ainda teve o Itapucurú, e que foi a mais fatal para os habitantes (RIBEIRO, 1870, p. 18).

Os relatos de Francisco Paula Ribeiro sobre a condição sanitária do Maranhão mostram que o principal problema para saúde de seus habitantes era decorrente das “fermentações”, que transformavam a região em local

pestilento, reforçando a ideia de que mesmo dentro de um contexto de valorização dos trópicos, a ciência europeia não poderia ser desprezada:

Da villa de Caxias para cima são raras as suas ribanceiras, e em muita parte faceis de alagar o terreno; o que, dando motivos ás innundações centraes no tempo das invernadas, faz com que estas aguas, varrendo para o rio toda a espécie vegetal e animal, a que foram fataes, inundem sua corrente: sendo que d'esta causa (segundo o que parece a mim) se lhes seguem as enfermidades que em certos tempos soffrem d'alli para baixo os habitantes das suas margens [...] porque fermentados aquelles objectos a passar n'nestes lugares, e susceptiveis da podridão naturaes circumstancias, infeccionam os ares e formam as epidemias (RIBEIRO, 1870, p. 22-23).<sup>15</sup>

Assim, a maior parte do Brasil, mas principalmente as regiões mais setentrionais, notadamente mais sujeitas aos efeitos das altas temperaturas e da alta umidade, sofriam com as doenças decorrentes dessa condição, ou seja, da própria condição tropical. E quadros como o observado no trecho acima, eram relatados a partir de todo o país.

A febre fazia grandes estragos na Bahia,<sup>16</sup> as águas infeccionavam os ares de uma província de Goiás saudável,<sup>17</sup> da mesma forma que fazia com

---

<sup>15</sup> É interessante, que nos relatos de Francisco Paula Ribeiro acerca do Maranhão, a condição salubre e insalubre do lugar se entremeiam, pois, se ele começou citando a província como detentora de um lugar medicinal, de cura, que com as chuvas se torna pestilento, no decorrer do texto, ele volta a citar o Maranhão, agora terras atravessadas por outro rio, como salubres, o que mostra que as visões de salubridade e insalubridade dos trópicos andavam juntas nas concepções oitocentistas. Cf.: “Os seus ares [terras atravessadas pelo rio Manoel Alves Grande, no Maranhão] são saudáveis. Suas águas saborosas, abundam de peixe e recebem do nordeste as águas do rio Sereno, muito pouco importante (RIBEIRO, 1870, p. 32).

<sup>16</sup> “As terras por onde passam este rio [Peruípe, no sul da Bahia] são baixas até S. José, e d’ahi principam-se a elevar-se: a febre faz ahí grandes estragos [...]” (ALMEIDA, 1846, p. 448).

<sup>17</sup> “O seu clima é saudavel, á exceção de alguns lugares paludosos e visinhos de rios, que na sua enchente arrastam os despojos das arvores e muitas impurezas, que arrojadas á margem e corrompidas inficcionam o ar [...]” (SOUZA, 1874, p. 430); Ainda sobre a condição sanitária de Goiás: “As montanhas elevadas formam valles profundos e pouco espaçosos. Estes valles

Mato Grosso.<sup>18</sup> O Rio de Janeiro sofria com os elementos paludosos decorrentes de suas águas estagnadas,<sup>19</sup> assim como a região amazônica<sup>20</sup> e o Espírito Santo,<sup>21</sup> para não citarmos ainda outras partes do Brasil.

Ficava cada vez mais evidente que o calor e a umidade característicos da zona tropical eram entendidos como fontes de doença, e os estudiosos brasileiros do período, seguindo os passos de seus mentores europeus, corroboravam essa noção, de que quanto mais houvesse água em regiões quentes, mais enfermos surgiriam. Era um dilema tropical, o mesmo sol e as mesmas águas que traziam a vida aos trópicos, traziam também a morte:

O caracter d'este anno [1810] foi sadio, e é experiencia feita, que n'este paiz a saude é na razão inversa da muita chuva, ao mesmo passo que na razão directa d'esta cresce a fertilidade e abundancia (LAGO, 1882, p. 63).

---

no tempo das chuvas são quase intransitáveis: os correços ficam como rios, e os rios como mares e toda a terra circunvizinha coberta de agua. N'este tempo as molestias fazem grandes estragos” (MATOS, 1874, p. 6).

<sup>18</sup> “A villa de Miranda, edificada de palha e telha, em terreno sensivelmente plano, por causa das enchentes do rio e dos pantanos que a rodeiam, não é muito saudavel, mas não é completamente doentia, como se tem apregoado [...] Seu clima, geralmente muito quente, apresenta transições bruscas, uma das causas mais frequentes das molestias do lugar” (PITANGA, 1864, p. 191-192).

<sup>19</sup> “Devido a estar assentada [Campo dos Goytacazes] num terreno nimamente paludoso, como se deprehe de da simples enumeração de suas lagoas e brejos; tendo no seu perimetro pequenos depositos d'água estagnada, permanentes ou formadas pelas chuvas, e sem nenhum declive para o seu natural escoadouro, o rio Parahyba, é a cidade de Campos sujeita a febres palustres, a hepatites e splenites chronicas, á anemia (que é mais geral do que se cuida) e a complicarem-se todos os outros estados morbidos com o elemento paludoso. Grande parte do município padece do mesmo mal” (MELLO, 1886, p. 45).

<sup>20</sup> “É esta povoação [freguesia do Carvoeiro], que me dizem ser a mais atacada das febres intermitentes, devidas talvez aos muitos vegetaes que com a vazante ficam em putrefação, e ao cemitério, que todos os annos é inundado [...]” (GURJÃO, 1896, p. 187).

<sup>21</sup> “Com tão multiplicadas correntes de agoa fora de conjecturas que este paiz é em grande parte alagado, e por isso insalubre; mas seguindo a maior parte dos rios o seu curso por estreitos valles, batidos as agoas pelas continuadas quedas que proporcionam os accidentes do terreno, unicamente nas planicies do littoral se estedem as agoas inundantes, e formam extensos alagados que accasioanam febres intermittentes” (RUBIM, 1860, 198).

A união da água com o calor, muito comum no Brasil, era geradora de expectativas nebulosas. Onde houvesse tal combinação, miasmas, fricções, febres paludosas, e toda sorte de doenças tropicais eram esperados:

Todos os reservatorios d'agua são causa de grandes molestias, porque sendo as lagoas pouco profundas, o terreno argiloso brando, o sol intenso, apodrecem as folhas dos arbustos, que ha dentro d'ellas, morre muito gado atolado, e de tudo sahem miasmas tão malignos que afectam a atmospheria [da província de Goiás] (MATTOS, 1874, p. 393-394).

Ou ainda:

A influencia que esta constituição geologica<sup>22</sup> tem sobre o clima [da província do Mato Grosso] é extremamente notavel e nociva, pois que a agua, que gyra entre estas duas camadas, sujeita á acção evaporação constante, em tempo de intenso calor de 90° á sombra, produz febres paludosas nos mezes calmosos do anno. No inverno é local mais ou menos sadio (CHICHORRO; FRAGOSO, 1874, p. 134).

A partir dos relatos presentes nas publicações do IHGB, observamos que as descrições a respeito do estado sanitário da região sul e das áreas altas, lugares onde o calor é mais brando, são muito mais positivas. O Rio Grande do Sul, por exemplo, aparece sempre relatado como um lugar sadio, onde as doenças que tanto assombravam o Brasil não tinham vez,<sup>23</sup> isso porque, já

---

<sup>22</sup> Trata-se, segundo os autores, de um terreno formado por duas camadas de solo, sendo a primeira formada por uma pedra branca impermeável, chamada por eles de bolha de sabão, que conduz a água vinda dos chapadões vizinhos, e sobreposta a ela há uma camada de conglomerado de ferro, e que é porosa.

<sup>23</sup> Podemos observar isso nos seguintes trechos: “O Rio Grande do Sul é sem duvida dos lugares mais sadios do continente”. Cf. CAMARA, Sebastião Xavier da Veiga Cabral da. “Reflexos sobre o estado actual do continente do Rio Grande de S. Pedro” (MELLO, 1877, p. 244); ou do há pouco citado relato: “A compleição de cada um [dos alunos da escola alemã visitada na passagem de Homem de Mello pelo Rio Grande do Sul] revela a benignidade d’este clima, e o bom tratamento havido em sua criação e educação” (MELLO, 1872, p. 147).

não sofria com os assombros de um calor tropical atuando sobre suas águas e seus restos animais e vegetais:

O clima é o melhor do mundo, ares muito puros e sadios, de modo que, morrendo immensos animaes continuamente pelos campos e estradas, ficando estes sempre ao tempo, até o mesmo tempo e as aves os consumirem, sem se sepultarem, jamais têm havido epidemias algumas, das que pelo mesmo caso costumam haver em outros paizes (ANÔNIMO, 1867, 54-55).

Mas o Rio Grande do Sul, e as demais regiões onde as temperaturas altas não produziam os tão temidos miasmas<sup>24</sup> eram uma minoria nesse Brasil do século XIX, em que a maior parte do país sofria com os problemas causados pela putrefação decorrentes das altas temperaturas e da alta umidade, o que preocupava nossos homens de letras e ciências do IHGB, preocupados com os destinos da nação. Esse perigo proporcionado pelos trópicos precisava ser estudado, tanto que em 1856, o IHGB deu bases para que suas comissões científicas não deixassem essa questão da salubridade de lado em seus estudos, uma vez que, sob os trópicos a putrefação de animais e vegetais era “mil vezes mais perigosa que em outras zonas”, segundo os próprios membros do IHGB:

Estudar também sobre os logares onde costumam manifestar-se em certas épocas mortíferas epidemias, a influencia que exercem a constituição do districto sob relações de clima, de terreno, alternativa entre os alagamentos e secca dos terrenos, a putrefação das materias animaes e sobretudo vegetaes (que sobre os

---

<sup>24</sup> Não que essas regiões não apresentassem doenças. Há, por exemplo, o relato do sofrimento causado por doenças relacionadas ao frio no sul de Minas Gerais, no entanto, esses eram muito mais raros que os causados pelos efeitos do calor e da umidade: “Esta mudança subita do calor para o frio [de 78°F a 47°, em menos de dois dias, em 1859] observou-se em 1859 pelas endoenças, e isto muito tem influído no estado sanitário do povo, apresentando logo bronchites e anginas; e na passagem do frio para o calor, em setembro reinão as pleurizes e pneumonias” (SILVA, 1882, p. 434).

trópicos é mil vezes mais perigosa que em outras zonas) sobre a organização da pobre humanidade [...] (ANÔNIMO, 1898, p. 81).

Assim, encontramos uma imagem dos trópicos que ora mostrava-se benigna, ora se mostrava aterradora. Tratava-se, portanto, de trópicos reais, de um lugar que fugia às idealizações daqueles que sonhavam com um Brasil forjado em meio ao paraíso terreal, e que também fugia das detrações daqueles que viam o outro, localizado em zonas climáticas distintas, como inferior e necessitado de sua civilização, era uma mistura de ambos, do bom e do ruim, do paraíso e do inferno, da saúde e da doença, enfim eram trópicos reais.

E se esse Brasil tropical tinha problemas sanitários - e ele realmente os tinha! - eles não eram necessariamente impedimentos ao sucesso da jovem nação, isso porque, novas maneiras de ver esses problemas, e de tentar solucioná-los, também chegavam ao Brasil em meio às tantas teorias vindas da Europa, meios e métodos de driblar esses efeitos negativos, aplicáveis mesmo nas regiões mais quentes e úmidas, como era o caso do nosso país. Através da ciência, trópicos possíveis se desenhavam...

Isso porque, desde o período das Luzes, no século anterior, cada vez mais a medicina se voltava para os cuidados com a saúde da população, e se transformava em um instrumento a serviço do Estado.<sup>25</sup> Cada vez mais estudiosos do assunto substituíam a explicação climática como causas principais das doenças para fenômenos sociais,<sup>26</sup> como a pobreza ou as condições de vida (CAPONI, 2007, p. 16), além de, cada vez mais, os

---

<sup>25</sup> Exemplo que corrobora isso foi a reforma dos Estatutos da Universidade de Coimbra, durante a administração pombalina, no século XVIII, no qual a consciência da importância da prevenção das enfermidades ficou mais nítida com a valorização dos assuntos referentes à higiene, presentes nos Estatutos (ABREU, 2007, p. 762-765).

<sup>26</sup> Sandra Caponi vê como razão para essa mudança de concepção a respeito da saúde nos trópicos de fenômenos climáticos para fenômenos sociais a diferença no poder de atuação dos médicos em ambas as possibilidades, uma vez que, enquanto nos hábitos sociais tinham os higienistas uma real capacidade de intervenção, isso era muito escasso no que se referia às questões climáticas. Como nos disse Aeckernecht: “No se puede reformar el clima pero si se pueden reformar las condiciones sociales!” (AECKERNECHT *apud* CAPONI, 2007, p. 16).



médicos defenderem alterações no meio ambiente como forma de combater os males causados pelas doenças na zona tórrida (ARNOLD, 2000, p. 139-140). Os trópicos pareciam perder o combate contra a civilização, e através de mudanças sociais ou ambientais, podia ter seus efeitos negativos anulados, ou pelo menos, minimizados.

Como dissemos, a partir de finais do século XVIII, uma série de novas variáveis entrou em jogo nos estudos referentes ao meio-ambiente, sendo ele cada vez mais sujeito a mensurações e cálculos que permitiam cada vez mais avaliações sobre a possibilidade de modificá-lo, além de permitir simulações e previsões de como essas alterações responderiam sobre os organismos, particularmente sobre o controle das enfermidades mais frequentes nos climas tórridos.<sup>27</sup>

A umidade e o calor tinham sua parcela de culpa nas enfermidades que assolavam os trópicos, mas não eram os únicos responsáveis pela situação em que se encontravam os trópicos, a educação, os hábitos, as ações governamentais, a falta de assistência médica, entre tantos outros fatores “humanos”, também tinham sua parcela de culpa, que não era pequena. Se os trópicos eram problemáticos, no que se referia à saúde de seus habitantes, isso poderia ser revertido ou minimizado, e esse vislumbre do homem vencendo a natureza, graças aos aparatos fornecidos pela civilização, também se encontravam nas publicações do IHGB. Nossos homens de letras e ciências do século XIX, também enxergavam soluções para certos problemas tropicais.

Febres poderiam ser combatidas com obras que evitassem inundações, ou se alagados fossem esgotados, bastava empenho da população e do governo, para uma melhora no quadro sanitário do Brasil se operar. Viver nos trópicos, não era necessariamente estar à mercê de seus infortúnios:

---

<sup>27</sup> Não que isso fosse exatamente uma novidade, desde a antiguidade, já há relatos de tentativas de se eliminar ou minimizar os efeitos das doenças a partir das alterações no meio-ambiente, como é o caso da drenagem e o aterro de pântanos ou o suprimento de água limpa e potável, como forma de evitar enfermidade (UJVARI, 2003, p. 25).

Tão insalubre clima [da província do Maranhão] poder-se-hia tornar melhor, se grande parte d'aquelles alagadiços se esgotassem, e se os fogos se aumentassem, o que demanda um excedente de população, que ainda por muitos tempos faltará. É todavia aqui necessaria sempre alguma força disponivel e um bom commandante, que pôde residir nas chapadas (e até para alli mudar-se a povoação, estabelecendo-se na Mangabeira a 1 ½ legua para o interior, onde o clima é já muito melhor, e que tem boa agua. [...]. Os Campos até S. Francisco Xavier, que alagam em partes, não era difficil esgotal-os em grande parte, se houvesse mais energia nos moradores, porém d'alli até a lagoa S. Jeronymo seria de muita difficuldade por serem terrenos muito baixos, e só teriam lugar os diques que cercassem diversos quadrados, e estes dentro cortados por canaes de esgoto, e então alguma cousa melhoraria o clima [...] (LAGO, 1872, p. 395-396).<sup>28</sup>

O clima perdia importância frente à ação humana, e levar uma vida saudável nos trópicos, a despeito do que diziam os europeus, era possível, seja porque já eram esses lugares saudáveis, ou porque a ação humana poderia vencer os obstáculos por eles impostos.

Em finais desse século, esse projeto de reverter os efeitos do clima tropical no Brasil ganha coro, isso porque, cada vez mais a doença era vista como um dos entraves ao progresso do país. A medicina cada vez mais acreditava que bastava um projeto sanitário para sanar todas as ambiguidades da formação brasileira. A observação dos níveis de educação, das condições de moradia, dos costumes e das manifestações culturais, juntamente com a atuação nas questões ambientais, traria a chave para se desvendar as causas

---

<sup>28</sup> Podemos citar ainda, o seguinte trecho, no qual as febres causadas pelas condições climáticas, caso houvessem, poderiam ser controladas a partir de ações empreendidas pelos homens: “Suas aguas[da Villa da Cachoeira, na Bahia] são excellentes; sendo falso o que acerca d’ellas menciona a Corographia Brasilica dizendo que não devem ser bebidas antes de 24 horas depois de tomadas. Os moradores de suas adjacencias são sadios e robustos, e não são como affirma a citada Corographia, frequentemente atacados por febres, a que nem sempre resistem; o que se assim fosse seria facil prevenir evitando innundações, e por via de bons encanamentos” (ARNIZÁU, 1862. p. 516).

dos problemas que assolavam o Brasil e seu povo, e a solução para resolvê-los (MOTA, 2003, p. 20).

Cada vez mais se acreditava que, com a saúde resgatada do brasileiro, agora cheio de vigor físico e detentor de grande capacidade produtiva, nasceria a consciência dos deveres e direitos que possuía, o bem-estar e o prazer em viver, provando assim que não era um homem inferior racialmente, e que não vivia sob um clima tão inóspito assim (MOTA, 2003, p. 21).

Essas premissas ganharam destaque principalmente nas primeiras décadas da República, quando uma série de programas sanitários foi implantada no Brasil, e a questão da doença que assolava o país ganhou ares de problema nacional. No entanto, em finais do Império, como mostra o trecho abaixo, fica evidente que a questão da necessidade de se empreender políticas públicas já para reverter o quadro sanitário do Brasil já se fazia presente no pensamento intelectual da época, e que nem só o clima, mas também os hábitos e a educação eram os culpados pela situação sanitária que se encontrava grande parte da população brasileira do período:

Cabe aqui perguntar si não é possível attribuir também á falta de um regimen hygienico, á carencia completa do uso de legumes, ao excessivo abuso, se assim posso dizer, de comidas e bebidas oleosas e fermentadas e de peixe quasi exclusivamente, ao immoderado habito do alcool, essa miséria physiologica que lavra na Amazonia, e ahi provoca, ou pelo menos favorece, em tão larga escala o desenvolvimento das febres e anemias, que lhe estiolam e atrophiam a população indigena e afugentam o estrangeiro, e não somente ao clima que um naturalista inglez, Bates, que aqui residio annos, capitula de delicioso? (VERISSIMO, 1887, p. 385-386).

No decorrer do século XIX, o clima foi perdendo espaço como fator explicativo das doenças, à medida que se provou que os parasitas e outros seres biológicos, muito mais que o clima tropical, eram as principais causas das enfermidades, até que no início do século XX, foi praticamente deixado

de lado como fator explicativo de doenças. O que não significou que os trópicos deixaram de ser objetos de explicação sobre os defeitos morais de seus habitantes, como a preguiça ou a luxúria exacerbadas, algo se só aconteceria décadas mais tarde (BROWNE, 2001, p. 959-969).

Os trópicos, dessa maneira, pareciam ter encontrado adversários à altura, e em finais do século XIX, e já não representava mais o perigo, pelo menos aos corpos humanos que representou tempos atrás. Eles ainda estavam presentes, deixando suas marcas, principalmente no modo de ser do brasileiro, julgado a partir de modelos baseados em lugares comuns como a preguiça e a sensualidade ainda por anos, e talvez até os dias de hoje, mas a verdade é que, como nos disse Gilberto Freyre, ele já não era o “senhor-deus-todo-poderoso”<sup>29</sup> de outrora, e cada vez mais seu reinado de importâncias, significações, implicações e estereótipos seria diminuído, para ocupar um lugar nem bom nem ruim, mas real.

Assim, as imagens a respeito do clima tropical pensadas e propagadas no século XIX, dentro das revistas do IHGB, foram marcadas pela ambivalência, ora tendendo à idealização, ora à detração. Sobre os trópicos foram depositadas esperanças e alegrias, mas nunca absolutas, nunca a ponto de eximir aqueles pensadores preocupados com os futuros da nação de práticas caras à civilização.

Do mesmo modo que se sobre os trópicos foram depositados medos e desconfianças, entre aquelas visões que afastavam o Brasil tropical - construído sob forte calor e por gentes tropicais, ou tropicalizadas, em sua pele e moral - de um modo viável de civilização de padrões europeus também surgiam belas paisagens, riquezas e potenciais a serem explorados e desfrutados. Os trópicos podiam trazer apreensões, mas não deixavam de

---

<sup>29</sup> Trecho completo: “Embora o clima já ninguém o considere o senhor-deus-todo-poderoso de antigamente, é impossível negar-se a influência que exerce na formação e no desenvolvimento das sociedades, senão direta, pelos efeitos imediatos sobre o homem, indireta, pela sua relação com a produtividade da terra, com as fontes de nutrição e com os recursos de exploração econômica acessíveis ao povoador [...] De modo que o homem já não é o antigo mané-gostoso de carne abrindo os braços ou deixando-os cair, ao aperto do calor ou do frio” (FREYRE, 1936, p. 13-14).

trazer também perspectivas positivas, e principalmente, perspectivas de melhora.

Por fim, aqui vimos que os trópicos brasileiros para aqueles homens de letras e ciências do grêmio carioca oitocentista eram mais que idealizações vindas do além-mar, era um lugar real, sujeito às durezas e belezas que unidas dão vida à lugares que antes estavam apenas em planos teóricos.

## Referências

### Documentação primária

- ALMEIDA, Hermenegildo Antonio Barboza de. “Viagem ás villas de Caravellas, Viçosa, Porto Alegre, de Mucury e aos rios Mucury e Peruhipe”. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846.
- ANÔNIMO. “17º Sessão em 28 de Novembro de 1856”. *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil*. Tomo XIX. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898 (1856).
- ANÔNIMO. “Almanack da Villa de Porto-Alegre com reflexões sobre o Estado da capitania do Rio-Grande do Sul”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1867.
- ANÔNIMO. “Descripção dos sertões, despovoação, suas causas e meios de os fazer florentes”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXV. Rio de Janeiro: Typ. de D. Luiz dos Santos, 1862.
- ARNIZÁU, José Joaquim de Almeida e. “Memória topographica, historica, comercial e política da Villa da Cachoeira da Província da Bahia. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Tomo XXV. Rio de Janeiro: Typ. de D. Luiz dos Santos, 1862.

- CHICHORRO, Joaquim Pinto & FRAGOSO, João da Rocha. “Relatório Geral da Comissão de engenheiros junto ás forças em expedição para a Província de Matto Grosso (1865 - 1866)”. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo XII. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1874.
- GURJÃO, Hilario Maximiano Antunes. “Descrição da viagem feita desde a cidade da Barra do Rio Negro pelo rio do mesmo nome”. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Tomo XVIII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896 (1855).
- LAGO, Antonio Bernardino do. “Itinerário da Província do Maranhão”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXV. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1872.
- LAGO, Antonio Bernardino do. “Observações meteorologicas feitas na Villa do Recife de Pernambuco nos annos de 1808, 1809 e 1810”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLV. Rio de Janeiro: Typographia Universal de H. Laemmert &C., 1882.
- LEVERGER, Augusto. “Roteiro da navegação do Rio Paraguay desde a Foz do S. Lourenço até o Paraná”. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Tomo XXV. Rio de Janeiro: Typ. De D. Luiz dos Santos, 1862.
- MAIA, Emilio Joaquim da Silva. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846.
- MATIOS, Raymundo José da Cunha. “Chorographia Historica da Provincia de Goyaz”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXVII. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1874.
- MELLO, Francisco Ignácio Marcondes Homem de. “Documentos relativos á Historia da Capitania, depois provincia, de S. Pedro do Rio Grande do Sul”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico*

*do Brasil*. Tomo XL. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1877.

MELLO, Francisco Ignácio Marcondes Homem de. “Excursões pelo Ceará, S. Pedro do Sul, e S. Paulo”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXV. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1872.

MELLO, José Alexandre Teixeira de. “Campos dos Goytacazes”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Tomo XLIX. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1886.

MENEZES, Luiz Barba Alardo de. “Memoria sobre a capitania do Ceará”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXIV. Rio de Janeiro: B.L.Garnier Livreiro-editor, 1871.

NETTO, Felipe Lopes. “Gerra Civil ou Sedições de Pernambuco”. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Tomo XVI. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894 (1853).

OLIVEIRA, Antonio Rodrigues Velloso de. “Memória sobre o melhoramento da província de S. Paulo applicavel em grande parte ás províncias do Brasil”. *Revista Trimensal do Instituto, Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXII. Rio de Janeiro: B.L. Garnier-Livreiro-editor, 1868.

PITANGA, Epiphanio Candido de Sousa. “Diário da viagem do Porto do Jatahy á Villa de Miranda, compreendendo os Rios Tibagy, Parapanema, Paraná, Samambaia, Ivinhema e Brillhante, o Varadouro de Neox, e os Rios Neox e Miranda”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXVII. Rio de Janeiro: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 1864.

PITANGA, Epiphanio Candido de Sousa. “Itinerario do Reconhecimento do Estado da Estrada da cidade de Antonina á colônia militar do Jatahy, na Província do Paraná”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXVI. Rio de Janeiro: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 1863.

- RIBEIRO, Francisco de Paula. “Descrição do territorio de Pastos Bons, nos sertões do Maranhão; propriedades dos seus terrenos, suas produções, caracter dos seus habitantes colonos, e estado actual dos seus estabelecimentos”. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo XII. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1874.
- RIBEIRO, Francisco de Paula. “Roteiro da Viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro ás fronteiras da capitania do Maranhão e de Goyaz no anno de 1815 em serviço de S.M.Fidelissima”. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo X. Rio de Janeiro: Typ. de João Ignacio da Silva, 1870 (1848).
- RUBIM, Braz da Costa. “Memorias historicas e documentadas da Provincia do Espirito Santo”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXIII. Rio de Janeiro: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 1860.
- SILVA, Joaquim Noberto de Souza. “Sobre o descobrimento do Brazil: o descobrimento do Brazil por Pedro Alvarez Cabral foi devido a um mero acaso ou teve elle alguns indicios para isso?”. *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil*. Tomo XV. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1888. (1852).
- SILVA, Jozé Franklin da. “Panorama do Sul de Minas”. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XLV. Rio de Janeiro: Typographia Universal de H.Laemmert & C., 1882.
- SOUZA, André Fernandes de. “Noticias Geographicas da Capitania do Rio Negro no Grande Rio Amazonas. Exornadas com varias noticias históricas do paiz, do seu governo civil e político, e de outras cousas dignas de attenção: dedicadas ao Imperador do Brasil o senhor D. Pedro I pelo cônego André Fernandes de Souza”. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. Tomo X. Rio de Janeiro, 1870 (1848).
- SOUZA, Luiz Antonio da Silva e. “Memória sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da capitania de Goyaz”.



*Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo XII. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1874 (1849).

VERISSIMO, José. “As populações indígenas e mestiças da Amazonia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes”. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo L. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1887.

### Obras de apoio

ABREU, Jean Luiz Neves. A colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das ‘luzes’ e as informações sobre as enfermidades na América Portuguesa. *História, Ciência, Saúde: Manguinhos*, v. 1. n. 1, jul-out. 1994 - Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2007, p. 771-772.

ARNOLD, David. *La Naturaleza como Problema Histórico: El medio, la cultura y la expansión de Europa*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2000.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*. Campinas: [s.n.], 2011.

BROWNE, Janet. A coleta na história natural e a tradição biogeográfica. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. VIII (suplemento), 2001.

CAPONI, Sandra. Clima, Cérebro y degeneración em Cannabis. *História, Ciência, Saúde: Manguinhos*, v. 16. n. 4, jul-out. 1994 - Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2007.

CAPONI, Sandra. Sobre la aclimatación: Boudin y la geografía médica. In: *História, Ciência, Saúde: Manguinhos*, v. 1. n. 1, jul-out. 1994 - Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2007.

EDLER, Flávio Coelho. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. *História, Ciência, Saúde: Manguinhos*, v. 1. n.1, jul-out. 1994 - Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2007.

- FONSECA, M. R. G. F. *A única ciência é a pátria: o discurso científico na construção do Brasil e do México (1770-1815)*. Tese (Doutoramento). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Schimidt Editor, 1936.
- MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. Natureza e Civilização: Sensibilidades românticas e representações do Brasil no século XIX. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (re)Sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Lery. *Revista USP*, São Paulo, 1989.
- SANT'ANNA NETO, João Lima. História da climatologia no Brasil: Gênese e Paradigmas do clima como fenômeno geográfico. *Cadernos Geográficos*, Florianópolis, n. 1, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrado, a viagem*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.
- UJVARI, Stefan Cunha. *A História e suas epidemias: a convivência do homem com os microorganismos*. Rio de Janeiro: Senac, 2003.